SUFRAMA

SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **7 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 22 de fevereiro de 2011

Manaus, terça-feira, 22 de fevereiro de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO
ANALISTAS RECHAÇAM TESE DE SUBPRIME NO BRASIL 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO
COMISSÃO VAI MONITORAR BARREIRAS COMERCIAIS ARGENTINAS 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO
RECEITA FECHA O CERCO CONTRA O SUBFATURAMENTO 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO
CHINA SE QUEIXA DE BUROCRACIA E INCERTEZAS NO BRASIL 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO
MINISTRO: APORTE NO BNDES SERÁ MENOR QUE R$ 80 BI 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

ASSESSORIA MDIC
Superávit da terceira semana de fevereiro chega a US$ 577 milhões 7
VEICULAÇÃO NACIONAL

VALOR
Indústria desacelera uso da capacidade em janeiro 8
VEICULAÇÃO NACIONAL

SUFRAMA
SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS

VEÍCULO
O ESTADO DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

ANALISTAS RECHAÇAM TESE DE SUBPRIME NO BRASIL

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Em artigo publicado no "Financial Times", gestor britânico afirma que País pode estar caminhando para uma crise de crédito semelhante à dos EUA

Leandro Modé - O Estado de S.Paulo

Analistas brasileiros descartam que esteja em formação no País uma bolha de crédito, conforme afirmou ontem, em um artigo no jornal britânico "Financial Times", o investidor Paul Marshall. Presidente de um dos maiores fundos hedge (de alto risco) da Europa, ele escreveu que o **Brasil** "pode estar caminhando para uma crise do subprime".

Subprime é o nome pelo qual ficou conhecida a crise que estourou em 2008 nos Estados Unidos, após a quebra do banco de investimentos Lehman Brothers. Esse nome caracterizava um segmento de clientes aos quais foram concedidos empréstimos para a compra da casa própria. Como não conseguiram honrar os compromissos, seguiu-se uma onda de calotes que estourou nos bancos.

Marshall sustenta, entre outros fatores, que o ritmo de expansão do crédito aqui tem superado o crescimento nos outros países que formam os Brics (Rússia, Índia e China). Ele também cita que o comprometimento da renda dos brasileiros com prestações supera o nível dos Estados Unidos - informação divulgada em reportagem do Estado de outubro do ano passado.

Por fim, observa que os bancos brasileiros gastam mais para cobrir perdas com inadimplência do que bancos indianos e chineses. E conclui: "(O **Brasil**) talvez tenha bebido com muita impulsividade no salão da desinflação (dos últimos anos)".

O vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Miguel de Oliveira, o gerente de indicadores de **mercado** da Serasa Experian, Luiz Rabi, e o analista de instituições financeiras da Austin Rating, Luís Miguel Santacreu, rebatem os argumentos do investidor inglês.

"Para começar, não é adequado comparar economias desenvolvidas com a nossa, na qual nunca houve muito crédito à disposição dos consumidores", afirmou Oliveira. Ele também lembra que, no Brasil, os bancos limitam o comprometimento da renda dos clientes com empréstimos. "Em geral, não deixam que passe de 30% do rendimento."

Outra diferença **importa**nte entre o **Brasil** e os Estados Unidos é que, por aqui, a maioria dos empréstimos é concedida com taxas prefixadas. Ou seja, o devedor não está sujeito às oscilações do **mercado** e da própria economia. Nos EUA, um dos grandes problemas é que o juro básico da economia subiu, elevando junto o custo dos empréstimos. Muita gente, então, deixou de pagar.

Santacreu avalia que o argumento de Marshall não se encaixa no caso brasileiro porque o Banco Central (BC) tem se mostrado atento a eventuais distorções no **mercado**. O analista cita como exemplo as medidas macroprudenciais anunciadas no fim de 2010, com objetivo, sobretudo, de frear a expansão do crédito para a compra de veículos.

"O BC está dando sinais para os agentes econômicos de que o crédito deve ser moderado a partir de 2011", argumentou Santacreu. "Além do mais, os próprios bancos brasileiros tiveram más experiências no passado e aprenderam com elas."

Rabi observou que, tecnicamente, o artigo do inglês não trouxe nenhum cálculo excepcional. "Ele usou dados que têm sido citados por vários outros especialistas para dizer que não há risco de bolha no Brasil", disse.

O economista da Serasa também lembra que, nos EUA e em outros países desenvolvidos, as taxas de juros são bem mais baixas do que no Brasil. Isso faz com que os bancos dessas nações busquem rentabilizar suas operações - ou seja, buscar **mercado**s como o subprime. Aqui, observa, não é preciso.

VEÍCULO
O ESTADO DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

COMISSÃO VAI MONITORAR BARREIRAS COMERCIAIS ARGENTINAS

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Marina Guimarães - O Estado de S.Paulo

A comissão especial para acompanhar a aplicação de licenças não automáticas no **comércio** entre o **Brasil** e a Argentina, anunciada na sexta-feira, já está trabalhando, segundo informações do **Ministério** de **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior. A comissão terá a responsabilidade de checar o cumprimento do compromisso argentino de que os **exporta**dores brasileiros não serão prejudicados pelas novas exigências de licenças de **importa**ção.

Segundo o **Ministério**, a comissão terá a colaboração do setor privado para informar sobre os casos de produtos barrados na fronteira do sócio. O anúncio sobre a criação da comissão foi feito pelos ministros de Indústria de ambos os países, Fernando Pimentel e Débora Giorgi, após reunião em Buenos Aires, na qual a ministra argentina assumiu publicamente o compromisso de não prejudicar o Brasil.

"Manifestamos, claramente, que as licenças não automáticas que se estendem de 400 para 600 posições, não vão afetar nenhuma venda que o **Brasil** faz ao nosso território, de forma alguma", prometeu Giorgi. O ministro Pimentel tomou a "palavra de Giorgi" como "suficiente para garantir que os produtos brasileiros não sofrerão restrições".

Os números, no entanto, colocam em dúvida a promessa do país vizinho. Analistas locais estimam que o superávit comercial da Argentina, em janeiro, teria caído 35,2%, a US$ 788,3 bilhões, ante igual mês de 2010, quando marcou US$ 1,217 bilhão. O desempenho do superávit comercial argentino marca uma tendência de queda. Em dezembro, por exemplo, sofreu redução de 80,3%, atingindo US$ 241 milhões.

Pimentel exibiu um clima de cordialidade e tentou atenuar o impacto do anúncio das novas barreiras, que passam a vigorar na primeira semana de março. "Não há nenhum desentendimento ou mal estar na relação Brasil-Argentina", afirmou Pimentel, afastando versões de que o **Brasil** estaria irritado com a Argentina. Ele reconheceu, porém, que a medida "provocou inquietude no setor produtivo".

VEÍCULO
O ESTADO DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

RECEITA FECHA O CERCO CONTRA O SUBFATURAMENTO

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Órgão vai criar centro nacional para rastrear importadores que estejam adulterando os preços. Produtos chineses serão principal alvo

Renata Veríssimo e Adriana Fernandes - O Estado de S.Paulo

A Receita Federal intensificará a fiscalização para conter a entrada de produtos **importa**dos no **Brasil** com preços subfaturados. Os produtos chineses que concorrem de forma desleal com a **produção** brasileira são o foco principal.

A medida também é um movimento coordenado com os estudos da área econômica para elevar o Imposto de **Importa**ção de alguns itens que estão prejudicando a **produção** nacional. Quando alíquota sobe, cresce o risco de subfaturamento porque o **importa**dor tenta reduzir a base de incidência do tributo para pagar menos imposto.

Em sua primeira entrevista desde que assumiu o cargo, o secretário da Receita, Carlos Alberto Barreto, disse que será criado, ainda no primeiro semestre deste ano, o Centro Nacional de Gestão de Riscos Aduaneiros com sede em São Paulo ou no Paraná. Ele disse que a Receita irá rastrear uma série de pequenos **importa**dores que possam estar informando preços das **mercado**rias abaixo do valor real ou fraudando o certificado de origem. "Vamos investigar qualquer procedimento que vise a reduzir as tarifas independente da origem. Se vem de uma determinada zona ou de um determinado país, o Centro vai identificar", afirmou.

O Fisco já faz esse controle, mas de forma descentralizada, fiscalizando no varejo e em cada porto. A ideia é centralizar os dados em um só órgão para que a área de inteligência da Receita possa ser mais eficiente.

Segundo o secretário, as **importa**ções com indícios de subfaturamento serão acompanhadas até o desembaraço da **mercado**ria na aduana. "Os produtos, tanto da China, quanto de outros países, serão fiscalizados", disse, destacando que os produtos chineses não são um mal em si. "O problema é quando o preço não está correto na sua **importa**ção."

Como o governo não tem muitos instrumentos para conter a valorização do real frente ao **dólar**, ele tem buscado vias alternativas para melhorar a competitividade dos produtos brasileiros. O **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior (**MDIC**) já anunciou que irá reforçar a defesa comercial.

Barreto disse que nesta semana deve ter uma solução jurídica sobre o repasse pela Receita de informações individualizadas sobre **exporta**ção e **importa**ção. Até o ano passado, a Receita transferia as informações por empresa para subsidiar os processos de investigação comercial no **Ministério** do **Desenvolvimento**. No entanto, a medida provisória 507, que foi editada em outubro do ano passado como resposta aos vazamentos de dados fiscais de pessoas ligadas ao então presidenciável tucano José Serra, proibiu a Receita de fornecer dados sigilosos ao **MDIC**. O **Desenvolvimento** tem se queixado da dificuldade de prosseguir as investigações de defesa comercial sem as informações colhidas pela Receita na aduana.

Equipe. Barreto deu a entender que pode fazer mudanças na sua equipe depois do carnaval. Estão vazias a secretaria adjunta, que é o segundo cargo mais alto da Receita, e a chefia de gabinete. Além disso, a Subsecretaria de Fiscalização, uma das mais **importa**ntes do órgão, está sendo ocupada interinamente por Antônio Zomer.

Barreto não quis confirmar a permanência de ele no cargo. A subsecretaria era ocupada por Marcus Vinícius Neder, que pediu exoneração da Receita para ser sócio de um escritório em São Paulo.

VEÍCULO
FOLHA DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

CHINA SE QUEIXA DE BUROCRACIA E INCERTEZAS NO BRASIL

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Potência asiática reclama de "medo e ameaças" contra investimento chinês, estimado em US$ 17 bi em 2010

Também preocupa o destino do investimento em áreas estratégicas, a exemplo de minério de ferro e terras

DE PEQUIM

DE SÃO PAULO

A China aposta no investimento como forma de equilibrar o **comércio**, mas a falta de garantias de parte do governo brasileiro, a burocracia e incertezas sobre a rentabilidade são obstáculos.

Outro problema apontado na relação bilateral é a política de preços de minério de ferro praticada pela Vale.

"O governo chinês tem notado o desequilíbrio e quer que nossas empresas invistam mais no Brasil, é uma maneira de melhorar o problema do **comércio**", afirma Wu Hongying, diretora da seção latino-americana dos Institutos Chineses de Relações Internacionais Contemporâneas (Cicir).

Mas, apesar dos investimentos recentes, Wu afirma que o **Brasil** envia sinais ambíguos. "Os empresários estão confusos. O **Brasil** queria muito o investimento chinês, mas, quando isso aconteceu, teve de enfrentar muitas ameaças e muito receio."

Os investimentos da China no país demoraram a deslanchar, mas agora batem recorde. Segundo estimativa da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização, a China pode ter investido até US$ 17 bilhões no **Brasil** em 2010, o que a transformaria na maior fonte de investimento estrangeiro direto.

Apesar de os investimentos serem bem-vindos, há preocupações. Primeiro porque a China aplica dinheiro essencialmente em áreas estratégicas: 80% do montante vai para commodities, projetos ligados a soja, petróleo, minérios e aço.

"Os acordos de investimento de 2004 previam um maciço investimento chinês que não ocorreu, a não ser em setores estratégicos para o abastecimento de matérias-primas da China", diz o consultor Welber Barral, ex-secretário de **comércio** exterior.

Além disso, empresas brasileiras que investem na China enfrentam obstáculos para acessar o **mercado**.

BARREIRAS

A Embraer está prestes a fechar sua fábrica em Harbin, onde fazia o ERJ-145, um avião de 50 lugares. Falta entregar uma aeronave, o que deve ocorrer até abril, e depois não há nenhuma encomenda. A Embraer pediu para montar lá o Embraer 190, para cem pessoas.

Mas a Avic está desenvolvendo um avião similar com a canadense Bombardier, concorrente da Embraer.

Por isso, o governo chinês reluta em conceder à Embraer autorização para produzir -quer evitar concorrência.

"Com os aviões, o **Brasil** não pode ser inocente e pensar: "Somos duas nações do Sul, e todo mundo deve ser amigo entre si"", diz James McGregor, consultor da APCO Worldwide. "É uma economia planejada; eles não vão criar um competidor."

Empresas brasileiras que tentavam participar de um centro de distribuição de minério na China não receberam autorização do governo chinês até hoje. A Marcopolo queria aumentar o escopo da **produção**, mas não consegue autorização.

Com relação às dificuldades das empresas brasileiras, Wu ressalta que o gigante asiático tem sido o país que mais recebe investimento estrangeiro no

mundo por oferecer várias vantagens, como um enorme **mercado** consumidor, regras estáveis e possibilidade de remessas de lucro ao exterior.

No aspecto comercial, as siderúrgicas chinesas reclamaram em 2010 da política de preços praticados pela Vale e pelas outras duas gigantes de minério de ferro.

(PATRÍCIA CAMPOS MELLO E FABIANO MAISONNAVE)

VEÍCULO
O GLOBO

EDITORIA

TÍTULO

MINISTRO: APORTE NO BNDES SERÁ MENOR QUE R$ 80 BI

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Pimentel diz que empréstimos do Tesouro ao banco este ano estão em 'curva decrescente'

Danielle Nogueira

. O ministro do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, confirmou ontem que o **BNDES** vai receber um novo aporte de recursos do Tesouro Nacional este ano e que o valor será menor que R$ 80 bilhões repassados pelo Tesouro ao banco em 2010. Pimentel frisou que os empréstimos ao **BNDES** estão em "curva decrescente" e que são necessários para que vários projetos, entre eles os do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), possam ser financiados.

- Vai vir um aporte, não sei quanto, mas será menos que os R$ 80 bilhões do ano passado. Há uma curva decrescente de aportes do Tesouro ao **BNDES** - disse **PIM**entel, em evento em Xerém, distrito de Duque de Caxias, para assinatura de um acordo entre o Inmetro e o grupo Fiat, com o objetivo de desenvolver motores movidos a biodiesel para veículos leves.

Em 2009, na crise global, o **BNDES** recebeu R$ 100 bilhões do Tesouro. No ano seguinte, foram R$ 80 bilhões. A ideia era prover recursos ao banco que lhe permitissem assegurar crédito ao setor produtivo, uma vez que as empresas vinham tendo dificuldades para financiamentos no exterior e no Brasil.

Paralelamente, o **Governo Federal** está injetando recursos no **BNDES** para ampliar seu apital social e, por conseguinte, seu patrimônio de ferência. Assim, o banco tem a possibilidade de emprestar mais para um único cliente seguindo as rígidas normas do Acordo de Basileia, do qual o **Brasil** é signatário.

Semana passada, foi anunciada uma capitalização do **BNDES** de R$ 6,4 bilhões. - (A capitalização) serve para atender os preceitos do Acordo de Basileia. O sistema financeiro do **Brasil** é um dos poucos a cumprirem à risca o acordo. Vocês querem que o **Brasil** não cumpra o acordo? - indagou o ministro aos jornalistas, quando perguntado sobre a importância da capitalização do **BNDES**.

O acordo firmado entre o Inmetro e a FiatPowertraining - braço da montadora para **desenvolvimento** de motores leves - visa a desenvolver tecnologia para que os motores possam usar combustível com 30% de biodiesel. O investimento no projeto será de mais de R$ 4 milhões, considerando recursos públicos e privados. O carro deve ser apresentado ao governo em 2013.

A parceria com o grupo Fiat contempla ainda um convênio entre o Inmetro e a FTP Industrial, raço da companhia para motores pesados. Neste caso, serão desenvolvidos motores para tratores que funcionarão com óleo vegetal in natura, substituindo completamente o diesel.

As vantagens são o custo e a questão ambiental. O litro de óleo vegetal de fabricação própria pode custar R$ 0,70, enquanto o do diesel sai por R$ 2. - Se, hoje, o automóvel é um problema, temos que fazer parte da solução - disse o presidente da Fiat Automóveis para a América Latina, Cledorvino Belini.

Saldo comercial do acumulado do ano é 235% maior que o registrado no mesmo período de 2010

O superávit da balança comercial da terceira semana de fevereiro, com cinco dias úteis (14 a 20), foi de US$ 577 milhões, com média diária de US$ 115,4 milhões. As **exporta**ções totalizaram US$ 4,542 bilhões (média diária de US$ 908,4 milhões) e as **importa**ções US$ 3,965 bilhões (média diária de US$ 793 milhões), resultando em uma corrente de **comércio** de US$ 8,507 bilhões (média diária de US$ 1,701 bilhão).

Mês

As **exporta**ções no acumulado mensal, com 14 dias úteis, fecharam em US$ 12,299 bilhões (média diária de US$ 878,5 milhões) e as **importa**ções em US$ 10,742 bilhões (média diária de US$ 767,3 milhões). As **exporta**ções cresceram 29,6% na comparação com a média diária de fevereiro de 2010 (US$ 677,6 milhões) e 21,3% frente a janeiro deste ano (média diária de US$ 724,5 milhões).

As **importa**ções em fevereiro tiveram aumento de 17% em relação ao mesmo mês do ano passado (média diária de US$ 656 milhões). Na comparação com janeiro deste ano (média diária de US$ 704,3 milhões), o crescimento foi de 8,9%.

Nas três primeiras semanas de fevereiro, o saldo comercial já alcança o valor de US$ 1,557 bilhões (média diária de US$ 111,2 milhões). Pela média, houve crescimento de 414,6% na comparação com fevereiro de 2010 (resultado médio diário de US$ 21,6 milhões) e de 452,1% em relação a janeiro de 2011 (média de US$ 20,1 milhões).

A corrente de **comércio** somou US$ 23,041 bilhões (resultado médio diário 1,645 bilhão), o que representou aumento de 23,4% na comparação com fevereiro do ano passado (média de US$ 1,333 bilhão) e crescimento de 15,2% sobre a média de janeiro deste ano (US$ 1,428 bilhão).

Acumulado anual

De janeiro até a terceira semana de fevereiro, o superávit foi de US$ 1,980 bilhão (média diária de US$ 56,6 milhões), resultado 235,8% maior que o verificado no mesmo período do ano passado (média diária de US$ 16,8 milhões). Nos trinta e cinco dias úteis de 2011, a corrente de **comércio** somou US$ 53,046 bilhões (média diária de US$ 1,515 bilhão), com aumento de 26,3% sobre a média do mesmo período do ano passado (US$ 1,199 bilhão).

No ano, as **exporta**ções alcançaram US$ 27,513 bilhões (média diária de US$ 786,1 milhões), resultado 29,2% acima do verificado no mesmo período de 2010, que teve média diária de US$ 608,3 milhões. O resultado anual acumulado das **importa**ções também foi maior (23,3%) em relação ao ano passado (média diária de US$ 591,4milhões). Em 2011, as **importa**ções somam US$ 25,533 bilhões (média diária de US$ 729,5 milhões).

Às 15h, o **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior (**MDIC**) divulga a nota completa com informações sobre o período.

VEÍCULO
VALOR

EDITORIA

TÍTULO

Indústria desacelera uso da capacidade em janeiro

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

De Brasília

O nível de utilização da capacidade industrial instalada (UCI) ficou abaixo da mediana em janeiro. O índice UCI registrou 45,2 pontos no primeiro mês do ano. O índice varia entre 0 e 100 pontos: os indicadores acima de 50 pontos indicam nível de utilização da capacidade instalada aquecido. Os dados fazem parte da pesquisa Sondagem Industrial, divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Trata-se do segundo mês consecutivo em que a entidade apontou que o setor industrial utilizou capacidade de **produção** abaixo da média registrada no período, o que não ocorria desde a crise o início da financeira global, em 2008.

Segundo o economista da CNI Marcelo Azevedo, a queda do nível de atividade foi provocada pela redução da demanda. "A indústria se antecipou e ajustou a sua **produção** ao perceber que a demanda está em declínio desde o fim do ano passado", disse.

O número de janeiro ficou abaixo do nível de dezembro do ano passado (48,2 pontos), que já indicava uma redução do ritmo da atividade industrial.

Mesmo com a queda no índice de ocupação da capacidade instalada, as empresas mantiveram, segundo a pesquisa, os estoques estáveis, com 50,4 pontos. O número demonstra que a redução na atividade era esperada pela indústria.

O índice que reflete as projeções para a demanda teve uma leitura de 61,3 pontos, acima da média histórica (59,6). O mesmo quadro se repetiu no tocante às **exporta**ções, que registraram 51,6 pontos, com as compras de matérias-primas, que ficaram com 58,8 pontos, e com o número de empregados, item que registrou 54,6 pontos.

A sondagem é elaborada a partir de questionários enviados para 1.449 empresas. a pesquisa foi feita entre os dias 31 de janeiro e 14 de fevereiro. (Agências noticiosas)